

MARILDA DA FONSECA

**UM CORPO É UM CORPO: DISCURSOS E NARRATIVAS DO
MOVIMENTO *BODY POSITIVE***

Uberlândia

2018

MARILDA DA FONSECA

**UM CORPO É UM CORPO: DISCURSOS E NARRATIVAS
DO MOVIMENTO *BODY POSITIVE***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Psicologia da Universidade
Federal de Uberlândia, como requisito parcial
à obtenção do Título de Bacharel em
Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tatiana Benevides
Magalhães Braga.

Uberlândia

2018

Marilda Da Fonseca

Um corpo é um corpo: discursos e narrativas do movimento *Body Positive*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tatiana Benevides Magalhães Braga.

Banca Examinadora

Uberlândia, 06 de dezembro de 2018.

Prof^a. Dr^a. Tatiana Benevides Magalhães Braga

Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia MG

Prof^a. Dr^a. Marciana Gonçalves Farinha

Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia MG

Prof^a. Me. Neftali Beatriz Centurion

Universidade Federal Uberlândia - Uberlândia MG

Uberlândia

2018

“Respeito muito minhas lágrimas

Mas ainda mais minha risada

Inscrevo, assim, minhas palavras”...

(“Vaca Profana”, Veloso)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso se baseia na Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty que considera o corpo o meio pelo qual acessamos o mundo. Possui o intuito de investigar o desenvolvimento dos discursos e narrativas do movimento *Body Positive* no resgate do corpo como lócus da experiência e os atravessamentos sociais dos modelos estéticos e de saúde impostos ao corpo contemporâneo. Para tanto, elegeu-se como perspectiva teórico-metodológica a hermenêutica fenomenológica a partir da analítica do sentido, como fonte de dados utilizou-se das postagens das influenciadoras digitais da mídia social *Instagram*, as quais possuem como pauta principal o corpo feminino sob a óptica do movimento *Body Positive*. Observou-se seguintes categorias: a importância da sustentação e aceitação do próprio corpo a partir da dialética da desconstrução dos modelos estéticos; a representatividade dos corpos considerando seus recortes sociais; a crítica aos riscos do adoecimento na busca do ideal de beleza, à patologização dos corpos marginalizados; e o entendimento do padrão estético contemporâneo como irreal e inalcançável. Assim, os discursos e narrativas analisados contribuem para a percepção do corpo como fundante à existência humana, bem como a importância da inclusão/participação da diversidade corpórea na vida pública como ação fundamental à condição humana.

Palavras-chave: Fenomenologia; Corpo; Padrão Estético; Movimento *Body Positive*.

ABSTRACT

The present work of conclusion of school is based on the Phenomenology of the Perception of Merleau-Ponty that considers the body the means by which we access the world. It aims to investigate the development of the discourses and narratives of the Body Positive movement in the rescue of the body as the locus of experience and the social crossings of the aesthetic and health models imposed on the contemporary body. For that, the phenomenological hermeneutics was chosen as the theoretical-methodological perspective from the analytic of sense, as a source of data was used from the postings of the digital influencers of the social media Instagram, which have as main agenda the female body under the optics of the Body Positive movement. The following categories were observed: the importance of the support and acceptance of the body from the dialectic of the deconstruction of the esthetic models; the representativeness of the bodies considering their social cuts; the criticism of the risks of illness in the search for the ideal of beauty, the pathologization of the marginalized bodies; and the understanding of the contemporary aesthetic standard as unreal and unreachable. Thus, the discourses and narratives analyzed contribute to the perception of the body as a foundation for human existence, as well as the importance of the inclusion/participation of the corporeal diversity in public life as a fundamental action to the human condition.

Keywords: Phenomenology; Body; Aesthetic Standard; Body Positive Movement.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Número de inscritos das influenciadoras *fitness* - out/2018 21

Tabela 2. Número de inscritos das influenciadoras *body positive* - out/2018 21

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Postagem do perfil de <i>Instagram</i> da Rita Kroth, 28/03/2018	24
Figura 2. Postagem do perfil de <i>Instagram</i> da Gracyanne Barbosa, 02/07/2018.....	26
Figura 3. Postagem do perfil de <i>Instagram</i> da Alexandra Gurgel, 15/03/2018.....	29
Figura 4. Postagem do perfil de <i>Instagram</i> da Thaís Carla, 14/08/2018.....	32
Figura 5. Postagem do perfil de <i>Instagram</i> da Raíssa Galvão, 25/03/2018	35
Figura 6. Postagem do perfil de <i>Instagram</i> da Preta-Rara, 19/01/2018	38
Figura 7. Postagem do perfil de <i>Instagram</i> da Mariana Torquato, 24/06/2018	41
Figura 8. Postagem do perfil de <i>Instagram</i> da Mirian Bottan, 29/03/2018.....	44
Figura 9. Postagem do perfil de <i>Instagram</i> da Luiza Junqueira, 22/07/2018.....	47
Figura 10. Postagem do perfil de <i>Instagram</i> da Daiana Garbin, 23/03/2018.....	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
MÉTODO.....	14
RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
Mídias digitais e os discursos sobre o corpo	17
<i>Alguns aspectos das influenciadoras fitness</i>	22
Influenciadoras digitais <i>body positive</i>	27
<i>Alexandra Gurgel</i>	28
<i>Thaís Carla</i>	32
<i>Raíssa Galvão</i>	35
<i>Joyce Fernandes (Preta-Rara)</i>	37
<i>Mariana Torquato</i>	41
<i>Mirian Bottan</i>	43
<i>Luiza Junqueira</i>	47
<i>Daiana Garbin</i>	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

INTRODUÇÃO

“Deixe seu corpo seguir o ritmo

Você sabe que consegue

A beleza está onde você a encontra”

(“Vogue”, Madonna)

O corpo é o meio de acesso ao mundo, ter um corpo é também se abrir e ser constituído pelo meio no qual ele está inserido, é perceber a si mesmo encarnado no mundo, é ser percebido por outros em nossa concretude, é experimentar perceptivamente os objetos com os quais nos relacionamos, voltando-nos continuamente a essas relações (Merleau-Ponty, 1999). Tenho consciência do mundo por meio do meu corpo, que o percebe, e tenho consciência do corpo na relação com o mundo contatado, numa constituição integrada entre corpo e consciência. Assim, o corpo humano é um corpo vivido: não somos pensamento puro, como também não somos mera coisa, mas sim um corpo animado por uma consciência ou, inversamente, uma consciência encarnada num corpo.

Neste sentido, o corpo vivido é um corpo reflexivo: visível em meio a outros visíveis, ele vê, é visto, e é capaz de ver a si mesmo. Pode experienciar frente ao espelho: ver-se vendo. É um corpo tátil entre outros táteis, um corpo que toca, é tocado e toca a si mesmo – se sente sentindo. É um corpo sonoro, que pode ser ouvido e ouvir, bem como ouvir-se. É um corpo que se movimenta entre outros moventes, sendo movido, podendo mover e podendo mover-se. Quando uma mão toca também é tocada: tocante e tocado interpõe-se mutuamente, ambos exercem as duas funções; aquele que

toca é tocado e é também tocante. Por fim, não há mais mão que toca e mão que é tocada, pois ambas misturam-se na ambiguidade reflexiva da percepção.

Henry (2012) observa que na perspectiva integridade corpo-consciência, a reflexão não é apenas uma operação cognitiva, como comumente é entendida, mas consiste em uma ação, um esforço, um movimento consciente e espontâneo do corpo: o corpo faz algo que imediatamente é sentido por ele, que transforma sua posição no espaço, sua sensibilidade no ambiente, o horizonte apresentado para o olhar. Logo, os gestos corporais são criadores de significação – o corpo se vê agindo e se percebe sentido. Tal reflexão não é realizada pela consciência, mas no corpo: a consciência aprende com o corpo a refletir, o que faz com que o corpo seja o modo fundamental de ser no mundo.

A referência ao mundo se origina na afetabilidade do corpo, que consiste em nosso meio de experiência: contactamos as coisas, orientamo-nos na espacialidade e na temporalidade, aparecemos diante de outrem. A experiência corporal é atravessada por representações e significações hermeneuticamente sedimentadas, presentes nos diversos discursos, práticas, representações e modos de lidar que constituem os padrões corporais de uma época. O corpo humano sempre foi moldado pela cultura, mesmo nos primórdios da História. Por sua vez, a cultura é dotada de padrões estéticos que estão em consonância com o espírito de cada período sócio-histórico, levando os sujeitos de seu tempo a fazer uma construção estética dos próprios corpos para se sentirem integrados (Brandini, 2007).

Na totalidade da vida, as múltiplas dimensões de nossa experiência se entrecruzam sobre o corpo. No plano econômico, referências sobre o corpo se apresentam na avaliação da capacidade de trabalho, na criação de itens de consumo, na expectativa da idade produtiva; no plano social, divisões de papéis foram atribuídas à

fragilidade ou força do corpo de homens, mulheres, idosos e crianças, às limitações de pessoas com deficiência; no plano cultural, representações sobre o corpo e suas variações são carregados de elementos simbólicos que dão significado a muitos aspectos da vida social, nos mitos do calcanhar de Aquiles, da deficiência de Hefesto, do olho de Osíris, estas representações do corpo o ligam à religião, à ética, à moral, à arte, entre outros. Em algumas culturas não industrializadas ameríndias e africanas, a noção de corpo possui um viés neutro, ou seja, não é um corpo valorizado ou desvalorizado, mas sim um corpo concebido como parte do universo (Ceccarelli, 2011).

Na cultura ocidental, já na concepção greco-romana acreditava-se na extensão corpo e espírito, na qual eram manifestações de uma mesma realidade, assim, o nu e a relação saúde-beleza-juventude eram consideradas sagradas. Com o surgimento do cristianismo, se instala nas civilizações ocidentais a dicotomia entre corpo e espírito, em que o dogma religioso instituía a negação do corpo em favor da elevação do espírito. Certas representações sobre o corpo constituíram elementos de diferenciação social: adereços exclusivos da nobreza, a crença num sangue diferenciado, padrões de peso, altura e proporção corporal associavam-se a classes sociais específicas. Enquanto os gregos já dividiam essência e aparência (corpo/mente), tanto que Platão considerava perfeito o mundo das idéias. Todavia, os gregos não tinham uma concepção única do corpo, como depois se tornou no cristianismo. Na Idade Moderna, o desenvolvimento do capitalismo mercantil e o nascimento da clínica médica voltaram progressivamente o olhar sobre o corpo como objeto de conhecimento e intervenção: o corpo anato-fisiológico da cultura racionalista burguesa surge em contraposição ao corpo como objeto de pecado e penitência da cultura cristã medieval (Brandini, 2007).

No contexto contemporâneo, o corpo ainda assume diversas representações que o constitui como um objeto no qual se considera apenas os processos fisiológicos,

principalmente a partir das modernas ciências biológicas e médicas (Prado Filho e Trisotto, 2008). Isto é evidenciado por Gadamer (2006) ao afirmar que o conhecimento da ciência médica moderna, não apenas exige ser a preferência na análise de um fenômeno, mas a única perspectiva a ser legitimada. São metodologias e procedimentos que medem fenômenos e funções vitais do corpo humano, e por conseqüência padronizam o saudável e o patológico, além do mais ao tratar doenças também objetivam a manutenção da capacidade de trabalho das pessoas. Neste sentido, inferi-se que na atualidade as ciências médicas assumem a importante função de direcionar os comportamentos dos sujeitos a partir das análises dos corpos, dos padrões de saúde e doença, na manutenção da capacidade produtiva das pessoas, logo, a medicina moderna é fundamental no exercício do forte poder institucional sobre os corpos. Aqui, vale destacar os atravessamentos do que Foucault (1988) denomina de biopoder quando se refere à constituição histórica das formas de poder que incidem sobre os corpos e os toma por objetos, visando regular a conduta e a vida dos corpos tanto dos indivíduos quanto das populações, a partir do que se considera normal ou patológico. Desta maneira, tornam-se coisas os corpos dos indivíduos/populações, os quais devem agir e viver conforme uma ordem moral, social, política, produtiva e normativa.

A contemporaneidade é também uma época em que o corpo tem sido percebido como um objeto de consumo, como suporte material para a dimensão cognitiva e instrumental de relação com o mundo, para as representações identitárias e estéticas – um elemento à disposição que pode ser melhorado de acordo com as expectativas do possuidor, e assim, ser subserviente às exigências do mundo social. Nisso, lança-se mão de diversos recursos disponíveis (medicamentos, cirurgia, procedimentos estéticos, métodos de restrição alimentar, entre outros) para operar na transformação do corpo que se adeque às exigências sociais. Tais fatores tem gerado uma insatisfação crescente com

relação ao próprio corpo, fazendo com que as pessoas busquem se adequar a um padrão corporal em que os corpos se tornar uma máquina confiável e produtiva (Ferreira, 2006). Além do mais, o corpo assume um estatuto de representação de subjetividades, de individualidade, de personalidade, de exteriorização de conteúdos das pessoas (Brandini, 2007).

Vale destacar o recorte social acerca das relações de gênero na contemporaneidade, Naomi Wolf (1992) analisa que a partir do final do século XIX e durante o século XX as mulheres ocidentais foram para o embate social, político e econômico, conseguiram avançar em direitos legais, de controle de reprodução, alcançaram acesso à educação, inserção no mercado de trabalho, além de quebrarem muitas das crenças sociais a cerca dos espaços, papéis e posições sociais a serem ocupados por mulheres. Nestes aspectos, as mulheres abriram certa brecha na estrutura do poder social, no entanto ainda há outra importante forma de opressão a ser esclarecida e enfrentada: o mito da beleza, que a autora define na atualidade como uma:

“(...) subvida secreta que envenena nossa liberdade: imersa em conceitos de beleza, ela é um escuro filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o controle (...) uma violenta reação contra o feminismo que emprega imagens da beleza feminina como uma arma política contra a evolução da mulher” (Wolf, 1992, p. 12).

Trabalhos dos estudos feministas, produzidos sobretudo a partir dos anos 80, discutem o modo como as diferentes sociedades compreenderam o lugar social das mulheres a partir de seus corpos. No contexto contemporâneo, tal articulação é marcada por um olhar sobre o corpo feminino como “naturalmente” deficiente, em falta, doente, frágil – além de tantas outras qualificações justificadas em nome de uma concretude

biológica. Tais elementos se traduzem em processos de medicalização de eventos naturais como a menstruação, a menopausa, a gravidez e o parto, além da construção de um ideal estético pautado por uma magreza representativa de docilidade e fragilidade. Assim, a partir de categorias centrais como a de gênero, em que é possível distinguir o corpo sexuado e o gênero culturalmente construído, permite-se expor as cristalizadas, universalizadas e naturalizadas relações de poder entre os sexos. Esta forma de opressão às mulheres é uma das antigas ideologias que ainda tende a controlar os corpos femininos, mas que atualmente pode passar de maneira despercebida, até mesmo por mulheres com alto grau de instrução acadêmica e condições sócio-econômicas. A busca pelo ideal de beleza feminina assume um papel de coerção social que outros mitos, como, maternidade, domesticidade, castidade, passividade, já foram mais relativizados e desconstruídos socialmente (Wolf, 1992).

Para esclarecer tais dimensões na realidade brasileira, ressalta-se a pesquisa da antropóloga Goldenberg (2005) que analisou os discursos de jovens entre homens e mulheres de nível universitário, das classes médias moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro, para discutir aspectos relacionados aos padrões sociais relacionados aos usos do corpo. Verificou-se uma importante distinção entre tais gêneros, para os homens o seu padrão estético é definido principalmente pela estatura alta, maior musculosidade e o pênis de tamanho considerado grande. Já para as mulheres, além da principal característica pessoal almejada ser a beleza, destaca-se que esta depende primordialmente do peso do corpo, para elas quanto mais magras mais belas. Aponta-se que a obsessão pelo peso corporal tem gerado a cultura da magreza, a qual se expressa inclusive com o aumento de conteúdos na *Internet* que incentivam transtornos alimentares, como, anorexia e bulimia. Por fim, a autora conclui que para muitos sujeitos contemporâneos buscar tal padrão corporal tem significado a submissão a este,

ou certa exclusão imposta aos que não se disciplinam para o enquadramento à norma exigida.

Neste contexto, percebe-se que o corpo contemporâneo é um corpo performático e alinhado a exercícios físicos, é um corpo resistente ao trabalho, à rotina e às doenças, é um corpo diferenciado por gênero, que deve expressar força ou delicadeza. É um corpo quantificado para aferir a saúde, com índices numéricos para medir o colesterol, a glicemia, a massa corporal, os níveis de vitaminas e sais minerais, os elementos sanguíneos. Assim, o corpo com padrões de altura e peso definidos para homens e mulheres é a imagem e a concreção representativa dessas inúmeras significações sociais. Na contra mão deste processo de padronização corporal feminino vigente, o movimento *Body Positive* (Positividade Corporal) nasce nos Estados Unidos da América no final da década de 1990 com a iniciativa de duas mulheres: Connie Sobczak e Elizabeth Scott (*The Body Positive*, 2018). No Brasil é recente esta discussão, apenas agora no ano de 2018 que foi lançado o primeiro livro brasileiro voltado especificamente para o movimento *Body Positive*: “Pare de se odiar: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário” da ativista e jornalista Alexandra Gurgel. No livro, a autora aponta que neste movimento social busca-se equidade entre as várias formas de existência dos corpos, afim de que todos sejam tratados na mesma maneira e com os mesmos direitos, independente de tamanho, peso, cor, marcas, limitações, etc. Acrescenta que o movimento *Body Positive* possui dois papéis: o papel individual, que se propõe a colaborar para que cada pessoa viva seu processo de auto-aceitação corporal de acordo com suas características e história particular. Concomitantemente, há o papel social do movimento, que se refere ao direito de acesso aos espaços sociais e de representatividade que todas as formas corporais devem possuir.

Vale destacar que um dos espaços sociais de representatividade é a mídia, para Serra e Santos (2003) as mídias veiculam notícias, representações e expectativas que integram um sistema de crenças em relação ao corpo, com pressupostos biomédicos e expectativas sociais, ao sistema mercadológico que torna o corpo um produto. Assim, midiaticamente o corpo é tratado como um campo de disputa envolvendo diferentes saberes, práticas e imaginário social. Trata-se de palavras, textos e imagens que constroem uma complexa rede de relações que envolvem padrão social, tecnologia e mercado, a qual produz uma forma específica de poder: o discurso midiático. Lugar de poder este, que tem sido historicamente marcado pela exposição de corpos esteticamente padronizados, sem a real representatividade da diversidade dos corpos humanos. No entanto, também tem sido campo para o movimento *Body Positive* abrir brechas e construir narrativas acerca das formas corporais, hegemonicamente, desconsideradas.

Discutir a relação entre a experiência fundante do corpo enquanto constituído e constituinte do mundo e os atravessamentos e "incorporações" do contexto social histórico ao qual pertence: se por um lado, o contexto histórico é o cenário intrínseco/imaneente à minha experiência, por outro lado, os inúmeros atravessamentos/imposições sobre o corpo nas relações de poder podem obscurecer a própria experiência de acesso ao mundo por meu corpo, redirecionando o olhar como para um objeto visto de fora. Tais elementos se apresentam nos modos como as pessoas têm lidado com seus corpos a partir dos padrões corporais estabelecidos na contemporaneidade. Nesse contexto, o presente trabalho investiga o movimento *Body Positive*, buscando compreender o desenvolvimento do seu discurso no entrecruzamento entre o resgate de uma experiência mais autêntica com o corpo (corpo como lócus da experiência), e os atravessamentos sociais impostos ao corpo contemporâneo.

MÉTODO

Considerando o objetivo de investigar o desenvolvimento, os discursos e narrativas do movimento *Body Positive* no entrecruzamento entre o resgate do corpo como lócus da experiência e os atravessamentos sociais dos modelos estéticos e de saúde impostos ao corpo contemporâneo, o presente trabalho elegeu como perspectiva teórico-metodológica a hermenêutica fenomenológica. Tal perspectiva questiona a concepção do conhecimento exato, objetivo e neutro das ciências, compreendendo a construção de conhecimento como elaborada na relação entre a consciência e as coisas. Conforme aponta Critelli, a perspectiva fenomenológica,

(...) no desenvolvimento de sua interrogação do real, tem a prévia compreensão de que faz parte do real interrogado aquele mesmo que interroga. Portanto (...) priorizaria a orientação do olhar do interrogador mesmo, isto é, uma reformulação de sua postura epistemológica (Critelli, 2007, p. 145).

No método fenomenológico, evidencia-se a suspensão fenomenológica, que se trata da suspensão dos pressupostos já sedimentados sobre o fenômeno a fim de contatar a totalidade da correlação intencional, em que a consciência e os fenômenos encontram-se immanentemente imbricados (Braga, 2014). Na análise hermenêutica, importa compreender os processos interpretativos articulados no processo histórico, que se apresentam de modo complexo e contínuo na totalidade da vida. Para Heidegger (2005) ser no mundo e ser com os outros são condições da existência: somos singulares no sentido da existência de cada homem e também plurais pela coexistência dos homens. Tal compreensão implica ao homem uma trama significativa que o remete à busca de sentido: mesmo os seres humanos nascendo em uma rede de significações já dada, é inerente a cada um dar uma destinação possível a si. Enquanto se vive, deste movimento

ninguém se livra: buscar sentido em sua existência. Nisto também se mostra a ação humana de pesquisar, na qual se busca sentido em ser e em ser com os outros em um processo hermenêutico com base nas vivências do pesquisador e seus interlocutores (Cabral e Morato, 2013). Assim, a perspectiva da hermenêutica fenomenológica toma a composição consciência-mundo, na qual fenômenos apresentam-se enredados pelas interpretações historicamente sedimentadas que posicionam uma perspectiva relacional dos sujeitos para com eles.

Como fontes de dados, foram utilizadas postagens de influenciadoras digitais da mídia social *Instagram*¹ que possuem como pauta principal o corpo a partir do movimento *Body Positive*. Para tanto, foram identificados na rede social *Instagram* as influenciadoras digitais que mais se destacam em relação ao tema abordado, tendo como critério o número de seguidores. Dentre as influenciadoras digitais selecionadas, foram escolhidas as postagens de conteúdos mais recorrentes na página de cada influenciador. Para Gadamer (1999), um fenômeno é revelado no intermédio do diálogo: diante do outro no encontro hermenêutico, o intérprete abre-se para surpreender-se com o inesperado, frustrar expectativas, confrontar certezas. Simultaneamente, instaura-se um terceiro elemento – a linguagem, que conflui para o mundo comum e intercruciza perspectivas diversas do mundo. Assim, o entendimento hermenêutico é dialógico e interpretativo, engajando o intérprete e seus interlocutores numa análise crítica que resulta da compreensão como condição de ser humano, num processo que Gadamer denomina “fusão de horizontes”. A exegese crítica do intérprete consiste em condição da experiência humana, em que a perspectiva histórica e vivencial do pesquisador articula-se à dos atores envolvidos na construção do fenômeno, enquanto constituintes da sua compreensão, fundindo horizontes de aparição do fenômeno.

¹ *Instagram* é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços.

Dessa forma, procurou-se construir um diálogo entre as perspectivas analíticas e teóricas de compreensão do corpo contemporâneo e os discursos e vivências de representantes do movimento *Body Positive* em relação ao corpo feminino a partir da análise das percepções de mulheres influenciadoras digitais *body positive*, buscando um processo dialógico entre esses diversos discursos, em seus pontos de conexão, ruptura, ênfase, reorientação, etc., bem como nas concepções interpretativas prévias que podem ser desveladas no processo conversacional entre os discursos. As postagens foram analisadas de acordo com as narrativas de vivências e diálogos nelas expressas pelas influenciadoras, identificando as percepções de corpo feminino que tais influenciadoras digitais apresentam em suas postagens no *Instagram*.

Para tanto, ressalta-se que há poucos dados estatísticos oficiais disponíveis pelo *Instagram* acerca de quais conteúdos são relacionados aos usuários mais seguidos bem como seu alcance (mesmo os perfis de pessoas públicas), por isso foi necessário à pesquisadora acessar diretamente os perfis das influenciadoras digitais citadas ao longo do trabalho, também embasada por informações veiculadas em sites de notícias² acerca da relevância e impacto midiático delas, para assim recolher dados elaborando uma listagem (Tabelas 1 e 2) que referencia algumas das influenciadoras mais destacadas no cenário brasileiro acerca da temática corpo feminino e seus aspectos. E a partir deste contexto, ser possível desenvolver uma análise das publicações das influenciadoras digitais *body positive* no *Instagram*, postagens estas selecionadas na modalidade de amostra por conveniência.

² Notícias de *sites* na *internet* que vincularam informações sobre algumas das influenciadoras digitais brasileiras que abordam o tema do corpo feminino e seus aspectos. Recuperados em 20 de fevereiro, 2018, de <https://exame.abril.com.br/tecnologia/10-perfis-fitness-para-seguir-no-instagram>; <https://vilamulher.uol.com.br/bem-estar/fitness/6-blogueiras-fitness-para-seguir-no-instagram-80063.html>; <https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/noticia/2017/08/10-perfis-body-positivo-que-voce-precisa-seguir-no-instagram.html>; <https://delas.ig.com.br/comportamento/2017-06-26/corpo-mulheres-padrao.html>.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

MÍDIAS DIGITAIS E OS DISCURSOS SOBRE O CORPO

No sentido da representatividade dos corpos, observa-se que as mídias possuem papel fundamental. Segundo Guedes e Pereira (2017), o padrão estético vigente se evidencia na quantidade de imagens e matérias das diversas revistas de circulação nacional em que se expressa o processo de artificialização do corpo feminino. Segundo dados da Associação Nacional dos Editores de Revistas (ANER), no ano de 2014 os 52 (cinquenta e dois) títulos de revistas de maior circulação no Brasil contabilizaram 8.373.404 de exemplares vendidos, dos quais 11 (onze) títulos são relacionados com corpo e saúde, contabilizando 1.751.938 exemplares vendidos, o que representa 20,92% das revistas mais circuladas no país. Dados da ANER também apontam a relação entre número de páginas publicitárias e a classificação dessas revistas, sendo que o gênero classificado como “feminino” representa 19,32% das páginas que receberam maior publicidade, representando o segundo lugar no quesito de verba publicitária. Enquanto isso, as revistas de conteúdo “masculino” representam 2,66% e ficaram em 8º lugar na mesma classificação. Das verbas publicitárias, 16,05% se referem de algum modo à imagem pessoal, sendo 8,57% de verbas ligadas à publicidade de vestuário e 7,48% a produtos de higiene e beleza.

Destaca-se que as onze revistas relacionadas ao corpo e à saúde que têm espaço midiático dominante entre as revistas brasileiras (Claudia; Saúde; Boa Forma; Nova; Marie Claire; Estilo de Vida; Ana Maria; Sou+Eu; Sete Dias com Você; Malu e Máxima) privilegiam discursos sobre um ideário de beleza que tem como ótica o encaixe do corpo feminino nos padrões tradicionais: um corpo jovem, magro, com

músculos rígidos, ágil, sem celulite, estrias, rugas, acne, gorduras ou qualquer marca (Siqueira e Faria, 2007).

Diversos trabalhos na literatura abordam a associação entre corpo feminino e ideal estético na mídia tradicional, seja ela impressa, com o discurso da busca pelo corpo "perfeito" associado à difusão de produtos e serviços de beleza apresentados como artifícios necessários a alcançar o ideal de beleza (Garrini, 2007), seja a mídia televisiva, com estratégias de linguagem que propõe uma série de “verdades” veiculadas nos programas e anúncios publicitários, quando associadas ao ideal estético reproduzem os discursos de objetificação do corpo feminino impregnados socialmente (Fisher, 2001). Assim, é notável o destaque dos aspectos do corpo feminino e suas interfaces nas mídias tradicionais, haja vista nas estatísticas da ANER (2014) sobre as vendas e verbas publicitárias das revistas com temáticas relacionadas à estética e saúde, bem como direcionadas ao gênero feminino, destaque este que tem transitado das mídias tradicionais para as novas mídias e redes sociais digitais, apesar de poucos estudos a isto relacionados.

Assim, ainda que sejam poucos os estudos que abordem as imagens do corpo construídas nas redes sociais que, por suas características próprias de produção mais pulverizada e autoral de conteúdos, constituem uma forma de sociabilidade ligada à formulação e divulgação de conhecimento e assim oferecem um novo campo de investigação sobre a produção dos discursos sociais (Dias e Couto, 2011). Além disso, a produção autoral de conteúdos levou à criação de profissões diretamente ligadas à internet na construção de discursos de mídia em plataformas como *Twitter*³, *Youtube*⁴,

³ *Twitter* é uma rede social que permite aos usuários enviar e receber mensagens de texto com até 280 caracteres, conhecidos como *tweets*.

⁴ *YouTube* é uma plataforma de compartilhamento de vídeos.

*Instagram e Facebook*⁵. Genericamente denominados influenciadores digitais (Cardoso, 2016), tais produtores de conteúdo de mídia possuem um grande número de seguidores nas redes sociais, com alta capacidade de influência sobre eles, e se tornam referência na indicação de determinado produto/serviço, atraindo a atenção de investidores e publicitários. No sentido de novos modos de produção de discursos que se operam nas redes sociais, encontramos também a produção de novas formas de discurso sobre o corpo.

De acordo com as estatísticas do Hopper HQ (2017), um aplicativo de publicações nas redes sociais, o *Instagram* possui cerca de 700 milhões de usuários ativos, atualmente é a rede social que mais cresce em termos de usuários e investimento publicitário, e se constituiu como uma importante ferramenta de divulgação de marcas associada à significativa lucratividade. No *Instagram* vários assuntos são postados pelos influenciadores digitais e dentre eles se destacam os temas do corpo e saúde dirigidos ao público feminino. Ao pesquisar os perfis das principais influenciadoras nesta temática, se observa posturas diferenciadas em relação ao ideário do corpo feminino, havendo duas principais vertentes. A primeira delas é denominada *fitness* nas redes sociais e afirma o padrão corporal tradicionalmente disseminado pela mídia de massa e encontrado também nas pesquisas sobre discursos do corpo nas mídias impressas e televisivas (Garrini, 2007; Fisher, 2001), voltado para moda da academia, esporte, lazer, serviços tecnológicos ligados ao corpo e dietas alimentares restritivas. A segunda vertente é constituída pelo movimento *Body Positive* que, como anteriormente discutido, defende a equidade entre as várias formas de existência dos corpos humanos, considerando que o sujeito viva seu processo de auto-aceitação corporal de acordo com sua singularidade, bem como compreenda o papel social da auto-aceitação no que se

⁵ *Facebook* é uma página da internet que os inscritos trocam informações pessoais e demais conteúdos, é a maior rede social na atualidade com mais de 2 (dois) bilhões de usuários ativos.

refere à promoção de acessibilidade e representatividade de todas as formas corporais humanas (Gurgel, 2018).

Para melhor compreensão destes resultados e discussão, tornou-se necessário à pesquisadora acessar diretamente o *Instagram* e por meio da ferramenta de procura disponível na rede social buscar as palavras *fitness* e *body positive*, acessando os perfis das influenciadoras digitais relacionadas, também se utilizou por embasamento as informações veiculadas em sites de notícias (vide no Método e nas Referências) que evidenciam a relevância e impacto midiático destas influenciadoras. Disto, foram elaboradas duas tabelas (Tabelas 1 e 2) com os números de seguidores das influenciadoras digitais brasileiras que se destacam acerca das temáticas *fitness* (10 – dez – influenciadoras) e *body positive* (10 – dez – influenciadoras) no *Instagram*. Importante ressaltar que podem existir outras influenciadoras digitais com número de seguidores semelhantes e tamanha repercussão midiática que não foram elencadas nestas tabelas, mas estas citadas foram consideravelmente evidenciadas nos meios pesquisados.

Na análise das duas vertentes, observou-se que a partir das influenciadoras digitais pesquisadas as 10 (dez) elencadas que afirmam opiniões e divulgam produtos e serviços relacionados ao padrão corporal *fitness* possuem juntas, aproximadamente, 26,40 milhões de seguidores (Tabela 1), enquanto as 10 (dez) influenciadoras que representam o movimento *Body Positive* possuem juntas cerca de 3,08 milhões de seguidores (Tabela 2). Ressalta-se nesta pesquisa a maior abrangência das influenciadoras digitais *fitness*, já que o número de seguidores das influenciadoras *Body Positive* representam cerca 11,67% do número de seguidores das influenciadoras *fitness*. Tal proporção diz da repercussão na mídia dos padrões atuais de beleza em detrimento

do movimento mais recente de aceitação das diferentes formas, tamanhos e cores dos corpos, principalmente quanto aos corpos femininos.

Tabela 1. Número de inscritos das influenciadoras *fitness* - out/2018

Influenciadoras Fitness	Nº De Inscritos Instagram
Gracyanne Barbosa	6.800.000
Bianca Andrade (Boca Rosa)	6.600.000
Gabriela Pugliesi	3.900.000
Bella Falconi	3.700.000
Mayra Cardi	2.100.000
Lala Noletto	1.100.000
Camila Guper	1.100.000
Carol Buffara	522.000
Carol Magalhães	463.000
Penelope Nova	148.000
Total	26.433.000

Tabela 2. Número de inscritos das influenciadoras *body positive* - out/2018

Influenciadoras Body Positive	Nº De Inscritos Instagram
Mariana Xavier	900.500
Mirian Bottan	678.000
Thais Carla	360.000
Ju Romano	255.000
Daiana Garbin	242.000
Alexandra Gurgel	228.000
Luiza Junquerida	215.000
Raíssa Galvão (Rayneon)	100.000
Mel Soares	66.100
Joyce Fernandes (Preta Rara)	40.200
Total	3.084.800

Alguns aspectos das influenciadoras *fitness*

Embora a análise do movimento *fitness* não seja objetivo principal deste trabalho, algumas características principais serão brevemente exploradas, a fim de contextualizar o campo de construção dos discursos nas redes sociais, visando melhor compreender o contexto ao qual se contrapõe o movimento *Body Positive*. Foram investigadas, aproximadamente, 200 postagens das 10 (dez) influenciadoras digitais *fitness* listadas na Tabela 1, visando elaborar um panorama geral dos discursos hegemônicos sobre o corpo nas redes sociais.

Um dos elementos mais relevantes entre as postagens é a pouca regulação acerca das “dicas” e dietas que postam em suas redes: não há nenhum outro parâmetro a não ser a experiência pessoal. Entre as dez maiores influenciadoras digitais, apenas Bella Falconi é nutricionista e Penelope Nova é educadora física, sendo que as demais não possuem certificação profissional de áreas de saúde associadas ao cuidado corporal, como nutrição, educação física ou medicina. Além disso, em 200 postagens pesquisadas, há uma publicização de programas de exercícios ou dietas elaboradas para uso pessoal como "dicas" a serem adotadas pelos seguidores, caracterizando a transposição de receituário de profissionais de saúde. Embora estas influenciadoras digitais *fitness* em suas postagens citem conversas com seus nutricionistas, educadores físicos, endocrinologistas, dermatologistas e outros profissionais de saúde, não há referência mais consistente a esses profissionais, tal como registro em conselho profissional ou bases científicas dos comentários atribuídos a eles. Deste modo, também é abundante o conflito entre essas influenciadoras e os profissionais de saúde, como é o caso da Gabriela Pugliesi, com quase 4 (quatro) milhões de seguidores, que é investigada pelo Conselho Regional de Educação Física do Rio de Janeiro por exercício ilegal da profissão (Pontes, 2017). Mesmo Bella Falconi (nutricionista) e Penélope

Nova (educadora física) realizam postagens focadas em sua experiência pessoal e publicidade de produtos relacionados à linha de mercado *fitness* (produtos dietéticos, academias de esporte, roupas esportivas, etc.), sendo profissionais da área da saúde não desenvolvem no *Instagram* conteúdo diretamente ligado aos cuidados em saúde, e sim, mais voltado aos estéticos.

Outra característica significativa é a construção de discursos em que o ideal estético é colocado não apenas como principal objetivo a conquistar, mas se sobrepõe a qualquer análise crítica ou social. Paradigmática deste discurso é uma postagem da influenciadora Rita Kroth, que a deixou ainda mais conhecida nas redes sociais e chama muita a atenção devido às profundas contradições que a postagem apresenta. Nesta publicação, reproduzida a seguir (Figura 1), ela apresenta uma relativização da violação dos direitos humanos ao comparar a dieta de jejum intermitente com as vítimas do holocausto da Segunda Guerra Mundial. Na legenda da postagem, nota-se a transmissão da ideia de que as condições de emagrecimento relativas ao jejum intermitente seriam acessíveis a todos por meio de sua associação ao ambiente insalubre do campo de concentração. Nesse discurso, não há nenhuma crítica às condições e ao significado do emagrecimento em situações de desnutrição e violação aos direitos humanos, tampouco ao risco aberto para a naturalização de elementos de violência ao corpo quando se compara jejum por escolha espontânea e privação concreta de prisioneiros de guerra.



Figura 1. Postagem do perfil de *Instagram* da Rita Kroth, 28/03/2018

Fonte: Recuperado <https://www.Instagram.com/p/BmzNXenAth0>.

Legenda: *Estas são fotos da minha linha do tempo, numa arte feita por @low_carb_br, mostramos minha evolução na busca por definição e diminuição de flacidez. Eu faço protocolo de 12 até 18h diárias de jejum intermitente, apenas pulando o café da manhã e almoçando mais tarde. Claro que malho pesado, mas ainda não com a frequência que gostaria. A partir de 2018 isso vai mudar, e o resultado deve aparecer mais. Uma coisa é certa, ter diminuído radicalmente os industrializados e priorizar uma alimentação BICHO/ PLANTA, foi fundamental para a boa melhora de forma rápida e eficaz. Sou Rita Kroth, tive 2 filhos já quarentona e cheguei a pesar 92kg. Hoje peso 59kg e busco hipertrofia para juntar as carnes num projeto ousado para meus 50 anos turbinado. Será que vai!? TÁ INDO#TAGANHO Minha pele continua retraindo. Então, segue para reflexão um trecho do podcast Bulletproof número #367 intitulado “Why you shouldn’t fear fasting”, entrevista feita com Dr Jason Fung (médico, nome referência da prática no mundo) ao apresentador e entusiasta Jimmy Moore, tbm Criador da estratégia EGG FAST. Dr Jason Fung diz: “Nós temos pessoas que perderam 100 libras, mas nunca tivemos problemas com a pele flácida (ele se refere ao trabalho na clínica dele), porque toda essa proteína é a que deve ir embora. Se você olhar para as fotos do Holocausto e dos prisioneiros de guerra do Japão e dos Estados Unidos, vai ver que não há pele flácida. Algumas destas*

e dos prisioneiros de guerra do Japão e dos Estados Unidos, vai ver que não há pele flácida. Algumas destas pessoas tinham muito mais pele de início. Em 1945 quando foram libertadas, não havia pele flácida. Por quê? Porque o corpo não é estúpido para morrer de fome quando ainda se tem pele flácida (para ser utilizada). Você vai queimar isso como energia. É o mesmo (dizendo sobre a prática de jejum). É uma coisa boa. “Você quer perder um pouco dessa proteína e só porque você perdeu um pouco de proteína não significa que é uma coisa ruim”. Sou uma frágil evidência, mas um belíssimo material de um ‘case’ de sucesso que acredita no jejum como aliado e principalmente numa alimentação forte e densa qdo abro minha janela. (sic.).

Também é interessante elencar a influência deste tipo de conteúdo, divulgado nas redes sociais, na afetação da saúde mental de seus usuários. Em 2017, a Sociedade Real para Saúde Pública da Grã-Bretanha (Royal Society for Public Health - RSPH) publicou uma pesquisa com 1.479 participantes entre 14 e 24 anos de idade, os quais avaliaram aplicativos de rede sociais em termos do quanto os provocam ansiedade, depressão, solidão, e distúrbios de imagem corporal. Neste estudo, o *Instagram* foi considerado a rede social que mais gera impactos negativos à saúde mental dos jovens pesquisados, tanto que após esta pesquisa a RSPH orientou a população jovem a ter cuidado em relação ao conteúdo que segue no *Instagram*, bem como à quantidade de horas que passa conectada à rede social (RSPH, 2017). No entanto, vale questionar se tal influencia em relação à saúde mental, deve-se ao aplicativo em si ou ao conteúdo nele vinculado. É razoável pensar que se trata do conteúdo, haja vista o exemplo supracitado na Figura 1. Neste sentido, destaca-se mais uma postagem como exemplificação:



Figura 2. Postagem do perfil de *Instagram* da Gracyanne Barbosa, 02/07/2018

Fonte: Recuperado <https://www.instagram.com/p/BkwKikeHBRZ>.

Legenda: *Sei que muitas pessoas “sonham” com o abdômen definido, a grande maioria desiste porque tem pressa, não sabe ou melhor não entende, que tudo acontece com TEMPO, DISCIPLINA, QUERER e DEDICAÇÃO. Esses são fatores fundamentais para chegarmos aos nossos objetivos, quer ter um abdômen sequinho, definido? Lembre-se todos os dias, o primeiro grande passo é a alimentação correta! Sei também que muitos aqui, tem dificuldade para fazer abdominais diferentes, é preciso equilíbrio, concentração, força e mta força de vontade. Eu tbm já tive dificuldade e demorei para aprender. O que me levou chegar até aqui? O meu querer! #vcconaeque #bastasededicar #treinodagra #abdomendagra #teamgracyanne #naintegra (sic).*

Gracyanne Barbosa possui maior número de seguidores (aproximadamente 7 - sete - milhões) entre as influenciadoras *fitness* pesquisadas no *Instagram* (Tabela 1), nesta postagem ela apresenta um discurso de que todos poderiam alcançar o padrão

estético não importando nada além do nível de comprometimento de cada pessoa, excluindo quaisquer outras variáveis. Nisto, ela individualiza questões que perpassam vários aspectos que não estão sob o controle individual humano, como tendências genéticas e condicionantes sócio-econômicos, de certa forma ela faz um discurso que culpabiliza individualmente as pessoas que querem estar dentro do padrão estético e não conseguem, padrão este do qual ela se aproxima e preconiza como o ideal de beleza e de vida. Com sete milhões de seguidores Gracyanne possui significativa influencia, tal discurso pode levar várias pessoas a se perceberem como problemáticas por estarem à margem do padrão, gerando culpa por serem diferentes do preconizado, que pode causar prejuízo à saúde mental destas pessoas. Assim, este é mais um exemplo do que é apresentado anteriormente pela pesquisa da RSPH (2017) acerca da influencia do *Instagram* na qualidade da saúde mental de seus usuários, que atualmente se aproxima a 1 (um) bilhão de pessoas.

INFLUENCIADORAS DIGITAIS *BODY POSITIVE*

Considerando os impactos do *Instagram* na veiculação de conteúdos, abordaremos a seguir a análise daqueles que se propõem a abordar aspectos relacionados à autoaceitação, à autoestima, aos questionamentos acerca do padrão corporal feminino imposto contemporaneamente. Compreende-se que, por um lado, a discussão sobre tais elementos pode ter influência na saúde mental das pessoas que acessam estes conteúdos, por exemplo, em temas como transtornos alimentares e de autoimagem. É nisto que acreditam e apostam as ativistas e influenciadoras digitais *Body Positive* ao usarem das redes sociais, dentre o *Instagram*, para expor as idéias e ações deste movimento social. Todavia, é preciso também considerar as influências sociais na construção de discursos de mídia, seus contextos de veiculação, suas

referências e suas condições concretas de sustentação financeira e social. Assim, para analisar o conteúdo divulgado pelas influenciadoras digitais *Body Positive* na rede social *Instagram*, primeiramente será apresentado uma breve contextualização acerca da trajetória destas influenciadoras, e posteriormente a análise de postagens. Ressalta-se que a seleção das postagens foi realizada a partir da modalidade de amostra por conveniência, considerando que cada postagem venha a representar os principais assuntos/temas abordados pela influenciadora digital no período de outubro de 2017 a outubro de 2018.

Alexandra Gurgel

A jornalista e influenciadora digital Alexandra Gurgel possui aproximadamente 228 mil seguidores no *Instagram*, é ativista *Body Positive* e antigordofobia⁶. Ela traz como um dos seus principais temas a gordofobia, que é o preconceito e a discriminação acerca do corpo gordo, a partir da aversão/repulsa às pessoas gordas se observa o seu isolamento social, podendo ser expresso em humilhações, como piadas, chegando até mesmo às dificuldades de acessibilidade a certos locais públicos (Sampaio, 2017). Para contextualizar a sua importância no meio midiático, em dezembro de 2017 ela concedeu uma entrevista à BBC Brasil, um importante passo para seu ativismo. No entanto, esta foi compartilhada pelo apresentador de TV Danilo Gentili em sua conta na rede social *Twitter* (com 16 milhões de seguidores), ofendendo-a com uma piada gordofóbica. Gurgel em contrapartida fez uma campanha na mesma rede social com a *hashtag*⁷ “gordofobia não é piada”, a qual atingiu *top trends*⁸ mundiais (Longo, 2017). Recentemente em agosto de 2018, Gurgel lançou o primeiro livro diretamente ligado ao

⁶ O ativismo antigordofobia combate o conjunto de preconceitos e ações discriminatórias contra pessoas gordas (gordofobia).

⁷ *Hashtag* é uma palavra-chave antecedida pelo símbolo “#” usada nas redes sociais para categorizar e dinamizar os conteúdos publicados, para que os interessados encontrem o assunto vinculado à *hashtag*.

⁸ *Top Trends* é uma classificação dada pelo *Twitter* às *hashtags* mais citadas no momento.

ativismo *Body Positive* e antigordofobia no Brasil: “Pare de se odiar: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário”, o qual já no período de pré-venda esgotou a primeira edição (Vanini, 2018).



Figura 3. Postagem do perfil de Instagram da Alexandra Gurgel, 15/03/2018

Fonte: Recuperado <https://www.instagram.com/p/BgZmW44g3Ns>.

Legenda: *Nessa foto eu tava prendendo o cabelo. Não tava posando, nem com a postura que eu queria. Eu já falei aqui que essa parte do meu rosto me incomoda, né? Sempre. Mas eu olhei pra essa foto e amei. Primeiramente amei, depois comecei a ver defeito. E foi isso que me fez postá-la. Se eu amei, por que depois pensei duas vezes? Provavelmente muitas das coisas que eu pensava antigamente sobre mim vieram à tona quando eu repensei se a foto tava bonita ou não. A questão aqui é: seja sincera com você mesma, mas preste atenção se o que você não gosta em você é fruto do olhar de outras pessoas. Acredite no seu olhar, sempre. E, nesse caso, eu tô muito feliz do meu olhar ser o mesmo dessa fotógrafa MARAVILHOSA que fez essas fotos, o @olhardepaulina:) #bodypositive #gordofobianãoépiada. (sic).*

Nesta postagem Alexandra inicialmente reflete acerca do próprio olhar sobre seu corpo. Para Merleau Ponty, meu corpo é meio de acesso ao mundo: pelos meus olhos que se descortina a paisagem do mundo, pelos meus ouvidos que os sons ambientes se apresentam, pela minha pele que a realidade concreta pode ser tocada. Todavia, minhas percepções são também impregnadas das referências interpretativas construídas em minha história. Na postagem Alexandra olha para si mesma e a partir do próprio olhar se percebe. Quando esses olhos que são meus, mas são também impregnados de não eu, encontram a mim mesmo numa fotografia, o conjunto de sentidos emergente no olhar sobre mim apresenta ao mesmo tempo a mim e o mundo em que experienciei interpretar, permeado por interpretações sociais sedimentadas. Apresenta-se então um campo de sentidos (por exemplo, do que é belo, feio, repulsivo, aceitável, etc.) em que minha própria experiência se mistura às interpretações da atitude natural. Para atingir uma experiência efetiva de mim, torna-se então necessário suspender certos pressupostos já construídos nas referências sociais estéticas, culturais, de saúde. Na postagem, Alessandra remete às dificuldades desse processo, em que a reflexão que acontece no próprio corpo, e desta reflexividade a consciência apreende novos sentidos. Agora, torna-se possível dar o sentido do que é belo e aceitável em si, de si, para si, por si e consigo, desvelando-se diante dos próprios olhos.

Retomando Merleau-Ponty (1999) e Henry (2012), meu corpo é simultaneamente minha experiência de mim: eu sou meu corpo. Não apenas nele habito, mas dele sou indissociável porque não há consciência desencarnada nem corpo não animado por uma consciência. Nesse sentido, a relação com o corpo se refere à relação consigo e os processos descritos de rejeição ou apreço pelo corpo, são também processos de autorejeição ou autoapreço. O processo de auto-aceitação é contínuo e para tal é necessária uma desconstrução que também passa pela autopercepção, que é

permeada por ângulos e detalhes, como, as dobras, as sombras e as marcas. Importante destacar a dialética da desconstrução, a qual ao mesmo tempo em que é possível encontrar novos ângulos e olhares para se redescobrir, pode ser que as interpretações e padrões já construídos tomem espaço novamente. Susan Sontag (2003) revela que as mulheres não se olham no espelho como os homens: enquanto os homens se vêem, as mulheres são educadas a ver o que terceiros veriam, a imaginar o olhar alheio antes do seu próprio. E assim, é necessário deixar o olhar do outro e ir ao encontro do seu...

Virginia Woolf (2012) descreve processo semelhante ao abordar metaforicamente o modo como as representações sociais sobre o feminino impactavam seu ofício de escrever: tocar a caneta significava trazer à tona o “Anjo do Lar”, figura literária representativa de uma visão passiva do feminino, que precisaria ser morto para que ela, enquanto mulher, pudesse dizer as próprias palavras. De maneira análoga, a *Victoria's Secret*⁹, uma marca estadunidense de lingerie e produtos de beleza, denomina suas modelos como as “*Angels*”, que além de serem extremamente bem pagas representam e vendem o atual padrão de beleza: são magras, de pele bronzeada, com cabelos longos, etc., o termo faz alusão à imagem do anjo, um ser perfeito de beleza divina, justamente para expor uma figura feminina angelical e sensual ao mesmo tempo (Aires e Hoff, 2015). Assim, como foi necessário à Virgínia Woolf aniquilar o “Anjo do Lar” em prol de sua escrita, talvez seja necessário para desconstruir as representações tradicionais do corpo feminino e perceber positivamente experiências do corpo socialmente desviantes, semelhantemente ao relatado por Alexandra, anular as “*Angels*” da “*Victoria Secrets*” e enfim de se reencontrar na própria fotografia.

⁹ *Victoria's Secret* é uma marca estadunidense de lingerie e produtos de beleza, fundada em 1977. As modelos de destaque da marca são chamadas de “*Angels*”, que representam em escala mundial o padrão estético contemporâneo.

Thaís Carla

Thaís Carla é dançarina, modelo de roupas *plus size* e influenciadora digital com cerca de 360 mil seguidores no *Instagram*. Ela ficou conhecida por participar dançando no quadro “Se vira nos trinta” do programa de TV “Domingão do Faustão”, posteriormente foi dançarina por quatro anos do programa “Legendários”. Atualmente, é dançarina do balé oficial da cantora pop brasileira Anitta (Sá, 2017).



Figura 4. Postagem do perfil de *Instagram* da Thaís Carla, 14/08/2018

Fonte: Recuperado <https://www.instagram.com/p/Bmev-nQgnEf>.

Legenda: *Se alguém te pedir pra fechar os olhos e imaginar uma bailarina de uma cantora famosa dançando em um dos festivais mais conhecidos do mundo (RockInRio). Será que passaria nos seus pensamentos uma mulher gorda? Difícil né! Mas foi com essa negatividade toda que eu vivi, com pessoas que não acreditavam no meu talento. Foi tão difícil passar por cima de tudo isso (vcs não sabem o quanto) mas graças a Deus e a minha família que eu consegui, hoje eu me sinto realizada. Mas quero dividir um pouco dessa trajetória com vocês lá no meu canal do YouTube. Quem vai assistir fala - Eu #thaiscarla #gorda #bailarina.* (sic).

Thaís questiona na legenda desta foto: ao pensar numa dançarina, quem a imaginaria uma mulher gorda? A indagação expressa aquilo que Moscovici (2007)

denomina representações sociais: diante de um fenômeno qualquer, certos atributos, associações, representações simbólicas já são imediatamente elencados. As representações sociais, trazendo estereótipos genéricos a um dado fenômeno social, possuem dois modos básicos de construção: a ancoragem e a generalização. Nos processos de ancoragem, um dado fenômeno social é relacionado a outros, conhecidos da experiência do sujeito. No caso das dançarinas, as ancoragens muitas vezes incluem modelos, atrizes ou atletas, por exemplo, fazendo uma conexão com outras expressões artísticas ou outros modos de uso do corpo profissionalmente. Nos processos de generalização, imagens, símbolos e características que se espera encontrar são atribuídos ao fenômeno. Thais observa o fato de que as representações sociais de dançarinas - assim como de alguns de seus elementos de ancoragem, como modelos e atletas - em geral constroem uma figura magra, musculosa, ligada às representações do feminino enquanto gênero, como também identifica Medina *et al.* (2008). Goffman (2004) descreve o estigma como sendo uma especial relação entre estereótipo e atributo: enquanto muitas características podem ser associadas a estereótipos avaliados positivamente ou a estereótipos cuja avaliação se relaciona a ambientes específicos, certos atributos se associam a estereótipos concebidos de maneira profundamente negativa em quase todos os contextos sociais. O estigma se refere à representação de tais estereótipos profundamente negativos, por exemplo, o observado na compreensão implícita de que pessoas gordas não estão aptas a dançar.

Nesse sentido, o advento de uma dançarina gorda torna-se fenômeno midiático exatamente por haver um preconceito enraizado na estrutura social em relação às pessoas gordas, atribuindo-lhes a impossibilidade de leveza ou graciosidade de movimentos. Encontramos na literatura que a estigmatização de pessoas gordas por muitas vezes é seguida de atos discriminatórios de violência física, verbal, moral,

psíquica, entre outros, os quais podem levar à exclusão de pessoas gordas ao acesso a locais e serviços (Noronha e Deufel, 2014). Assim, a exposição da experiência da dançarina Thais apresenta um elemento de contraposição aos espaços usualmente consolidados como aceitáveis às pessoas gordas, tanto no nível das atividades cotidianas, como a frequência de lugares públicos ou uso de assentos, quanto no nível da autoexposição e das relações interpessoais.

Hannah Arendt (2007) afirma que uma das características da condição humana é a ação, que consiste na capacidade do homem de implicar-se no mundo comum mediante a relação com outros: deslocando-se do campo doméstico ou privado da experiência individual, falar e agir diante de outros que nos testemunham constrói o campo da esfera pública, no qual ocorre nossa vida política no sentido mais amplo do termo. É no campo público que o homem se revela, onde inaugura novos processos ilimitados e potencialmente imortais, e finalmente se torna livre. A própria ação humana é a liberdade; logo, apenas se é livre enquanto se tem acesso ao espaço público, havendo assim uma relação íntima entre liberdade e cidadania, enquanto “direito a ter direitos”. Se considerarmos as diferenças de acesso à cidadania nas diferentes sociedades, encontraremos que as minorias políticas discriminadas geralmente sofrem alguma restrição de acesso à esfera pública. Em privações explícitas, os escravos gregos não participavam da *Ágora* (Arendt, 2012), os negros brasileiros durante muito tempo foram proibidos de frequentar a escola, as mulheres eram impedidas de frequentar a universidade na Idade Moderna europeia e no período colonial brasileiro. De tal maneira, há restrições explícitas na limitação a entrada e permanência de pessoas gordas em lugares públicos de ação política de representatividade (como a possibilidade de desenvolver habilidades físicas para exercer a profissão de bailarina), que impedem estas pessoas de viverem algo que as fundamenta humanamente e cerceiam a sua

liberdade de existir como se é. Thaís exerce um importante papel de desmistificar o corpo gordo como incapaz de desenvolver atividades físicas e artísticas, como a dança, além da relevância em ocupar lugares de representatividade, tornando público o corpo da mulher gorda que na atualidade tem sido condenado a se esconder atrás de medos, roupas e paredes.

Raissa Galvão

Ela é jornalista, estudante de designer de moda e influenciadora digital, possui cerca de 100 mil seguidores no *Instagram*. Em março de 2018 Galvão foi considerada a mais bem vestida do festival de música “*Lollapalooza 2018*”, com está visibilidade a estilista e influenciadora pautou acerca das instituições de ensino que não estão preparadas para formar profissionais aptos a criar roupas para pessoas gordas (Globo *News*, 2018).



Figura 5. Postagem do perfil de *Instagram* da Raissa Galvão, 25/03/2018

Fonte: Recuperado https://www.Instagram.com/p/BgwKThngng_Z.

Legenda: *Dia 3. Quem me conhece sabe que eu sempre fui complexada com as minhas coxas e minhas celulites e hoje estou no #lollapalooza de biquíni e saia transparente. A*

Raissa de uns anos atrás nunca imaginaria que poderia fazer isso e eu estou aqui LIVRE e curtindo os shows das minhas bandas preferidas. (sic).

As fotos apresentadas na publicação se referem ao figurino pelo qual Raíssa foi considerada a mais bem vestida “*Lollapalooza 2018*”, já na legenda ela traz as inseguranças em relação ao próprio corpo, as quais ela desafia ao elaborar uma roupa que desconsidera o que poderia ser visto como impróprio para uma mulher fora do padrão estético usar em público. A moda pode ser entendida como um fenômeno social e político, ao qual todos estão sujeitos na atual sociedade. É praticamente impossível não utilizá-la, e ela ainda assume importante papel na manifestação de aspectos identitários e no posicionamento social das pessoas (Baldini, 2006).

Segundo Bard (2013) a moda tem se associado às normas estéticas de cada época, atualmente o corpo gordo é um dos principais formatos que se distancia do padrão estético vigente, bem como a moda e a indústria têxtil tem se mostrado como um dos dispositivos de exclusão já que as pessoas gordas possuem menos acesso a produtos que se adéquem aos seus corpos, pois não se trata apenas de aumentar numerações, mas é necessário desenvolver modelagens próprias às especificidades do corpo gordo. Nesse sentido, o elemento de massificação do padrão estético pela indústria cultural e o elemento de massificação da produção têxtil e de moda se articulam no reforçamento de um padrão marginalizador. Tal questão possui consequências sociais e psicológicas, pois gera exclusão das pessoas gordas em algo socialmente necessário, como a moda, que está além das questões meramente mercadológicas, trata-se de política, de identidade e de acesso.

Tais questões são sinalizadas por Galvão ao discutir que a moda pode ser gordofóbica e ela, como mulher gorda profissional da moda, pode colaborar para que esta seja mais inclusiva e democrática, que possibilite às pessoas gordas desfrutarem

cada vez mais dos espaços públicos. Assim, partindo do pensamento arendtiano, a possibilidade de participação no destino coletivo dada pela ação só é possível na condição de aparição diante de outros que nos ouvem e vêem, da qual depende a legitimidade ou dignidade. Sem a legitimação de espaços, ou seja, em processos de invisibilização, fica comprometida a possibilidade do exercício pleno da cidadania e da liberdade (Arendt, 2007). Neste contexto, existe uma importância simbólica no fato de Raíssa ter sido eleita a mais bem vestida do festival de música “*Lollapalooza 2018*”, pois esta ação ajuda a desconstruir uma relação entre moda e padrão estético, permitindo o desenvolvimento de referenciais de moda deslocados do atual padrão ao abranger demais formas e proporções corporais.

Joyce Fernandes (Preta-Rara)

Joyce Fernandes é mais conhecida pelo codinome Preta-Rara, ela é historiadora, ativista do movimento negro, *rapper* e influenciadora digital com aproximadamente 40 mil seguidores no *Instagram*. Ela é ex-empregada doméstica e por tal vivência criou a página no *Facebook* “Eu empregada doméstica” (atualmente com 150 mil seguidores), que reúne relatos que denunciam a discriminação que as empregadas domésticas sofrem, e trata desta exclusão social como reflexo direto da cultura escravocrata ainda presente nas relações sociais brasileiras, inclusive, a página tem sido articulada com ações do sindicato das empregadas domésticas demonstrando uma relevância para além do meio virtual. Vale ressaltar que Preta-Rara conquistou uma mudança social antes da fama digital, tornou-se influenciadora a partir da página “Eu, empregada doméstica”, mas antes teve que superar a condição de extrema privação da cidadania, ela nasceu na periferia de Santos/SP enfrentou diversas situações racistas na escola e no mercado de trabalho, até conseguir cursar ensino superior e ser professora, bem como artista *rapper*. Atualmente também é produtora da *websérie* “Nossa Voz Ecoa”, composta quase toda

por personagens negros/as em episódios relacionados com os temas de racismo nas escolas e a situação das empregadas domésticas no Brasil. Como influenciadora digital no *Instagram* Preta-Rara aborda em suas postagens, entre outros temas, questões relacionadas ao corpo da mulher negra e gorda (Luz, 2017).



Figura 6. Postagem do perfil de *Instagram* da Preta-Rara, 19/01/2018

Fonte: Recuperado <https://www.Instagram.com/p/BeIOOmXleUM>.

Legenda: *Poesia: Preta-Rara / Foto: @jmag.photo / Ensaio: Renda*

Na renda ela se segura / Como se fosse a corda que vai salvá-la das impurezas humanas / Renda rendeira / Não se renda / Ao padrão nº38 que querem te enquadrar / Em cada curva uma história / Escritas sobre as linhas do seu corpo / Que eles chamam de estria / Os seios carregam a verdade que balança no caminhar. / Nas costas, agora sempre ereta / Aquela que não deita para as críticas / Não mais! / O desdobramentos do seu corpo reage se rendendo a você. / O cabelo pra cima em direção à autoestima / Cada pedaço uma certeza / Que hoje eu reconheço cada detalhe do meu corpo / E pergunto / Como pude me odiar tanto? / E hoje / A Preta de renda se rende / Aos encantos cíclicos de uma descoberta sem fim / Passeando em meu corpo / O alicerce e

a barreira / Criando trincheiras para outras se descobrirem também. .#PretaRara #Pesadona #BeemBonita #plussize #mulheresnegras #gorda #blackfatwoman #curvyfashion #TBT. (sic).

De acordo com Brondani (2017), a História do Brasil é construída numa estrutura racista a qual exerce influencia em vários aspectos na atualidade, inclusive acerca da imagem do negro que não ser compreendida positivamente, mesmo o período pós-escravocrata é marcado pelas tentativas políticas de embranquecimento da população brasileira, as quais contribuíram significativamente para que na atualidade os estereótipos racistas ainda estejam fortemente presentes nas subjetividades e nas relações sociais. A autora aponta que a população negra brasileira foi/é entendida como mão de obra barata, mas não como consumidora, tão pouco alvo da publicidade. No entanto, ressalta que o ativismo negro tem promovido a busca pela visibilidade da pessoa negra, inclusive nas representações publicitárias e midiáticas, mas encontra muita dificuldade diante dos meios de comunicação de massa devido ao racismo institucional destes entes. Porém, com o advento da *Internet* e das mídias sociais surge uma oportunidade da pessoa negra também ser produtora de conteúdo, isso se deve a maior facilidade de acesso a estes mecanismos, bem como maior autonomia de quem neles produz conhecimento e informação.

De acordo com Rosa (2018) em recente pesquisa sobre os estereótipos e engajamento nas relações de interatividade e representatividade dos usuários do Facebook, a partir de uma análise de peças publicitárias e indicadores estatísticos foi possível perceber pouca representatividade em relação à diversidade física apresentada, a maioria das publicações analisadas são de pessoas de pele branca e corpos magros, além da menor interação dos usuários em relação às pessoas negras quando comparada a interação com as brancas. Assim, pode-se notar uma tendência de que quanto mais

distante um corpo se encontra do padrão estético (gordo e negro, por exemplo), menor é a sua representatividade no discurso midiático, mesmo nas redes sociais. Neste sentido, quando Preta-Rara a partir da arte poética se revela nesta publicação, expõe seus sentidos e significações acerca dos atravessamentos sociais que perpassam o próprio corpo: feminino, negro e gordo, considerado desviante em relação à norma estética em gênero, cor, formas e proporções, isto implica em uma importante ação contra a corrente hegemônica da pouca representatividade midiática dos corpos diversos.

As redes sociais possuem um viés mais democrático, mas é importante demarcar que Preta-Rara das dez influenciadoras elencadas anteriormente (Tabela 2) é a com menor número de seguidores, ainda que apresente uma importante articulação com o sindicato das empregadas domésticas, uma página de denúncia pública e um trabalho como figura pública sendo cantora e na produção de uma *webserie*. Também é preciso destacar que, das dez influenciadoras *body positive* supracitadas apenas duas são negras e que não há nenhuma negra entre as dez maiores influenciadoras *fitness*, indicando que o recorte racial é também um indicativo importante do padrão estético corporal e do simples acesso ao discurso público. Ou seja, os elementos dificultadores do acesso de negros à esfera pública são condicionantes importantes de baixa representatividade mesmo no grupo *body positive*, indicando que não apenas o padrão estético, mas a própria condição de acesso a espaços públicos em que convergem raça e classe social contribuem para a baixa representatividade de negros entre influenciadores digitais.

Apesar deste contexto, a pesquisa de Rosa (2018) traz um dado de contraponto em que mesmo nas poucas publicações que apresentam corpos mais diversos há um significativo índice de interações, evidenciando que há espaço a ser explorado quando surgem elementos importantes de identificação. Na própria história de Preta-Rara quando apareceu a página “Eu, empregada doméstica”, houve um importante e rápido

engajamento no expressivo compartilhamento e número de seguidores. Nisto, atualmente apesar as dificuldades as redes sociais abrem mais possibilidades e podem representar um importante papel no ativismo identitário, quando Preta-Rara posta no *Instagram* uma fotografia da sua pele preta de renda que não se rende ao 38, ela já está demarcando um lugar público de alteridade. Assim, nela outras se verão e como/com ela também irão a público, isto é (Re)existir¹⁰.

Mariana Torquato

Mariana Torquato é influenciadora digital com 35 mil seguidores no *Instagram*, é ativista pela causa das pessoas com deficiência (PCDs), devido a uma complicação na gestação ela nasceu sem parte do braço esquerdo. Também possui um canal no *YouTube* com 140 mil inscritos, que trata da representatividade das PCDs.



Figura 7. Postagem do perfil de *Instagram* da Mariana Torquato, 24/06/2018

¹⁰ (Re)existência é um termo utilizado para definir “uma forma particular de existência, um modo de vida e produção, para diferentes modos de sentir, atuar e pensar.” (Porto-Gonçalves, 2001).

Fonte: Recuperado <https://www.instagram.com/p/Bka99sGnxcH>.

Legenda: *Quem vê foto não vê coração. Quem vê essa mulher toda trabalhada no carão não faz a menor ideia das enormes inseguranças que ela já alimentou dentro de si. Quem vê essa mulher, não imagina o quanto ela já pediu pra nascer de novo e como foi difícil postar a primeira foto com o bracinho aparecendo. Requer coragem assumir suas diferenças num mundo cheio filtros, photoshop e facetune, onde ninguém está realmente satisfeito com o corpo que tem. Aceitação é um processo doloroso e lento. Pra que vocês entendam melhor como a menina insegura virou esse mulherão da foto, eu conto pra vcs como foi meu processo e quando caiu a ficha que eu teria esse corpo pro resto da vida #luckyfinproject #luckyfin #bodypositive #bracinholivres. (sic).*

Os corpos das pessoas com deficiência também fazem parte da diversidade corpórea humana, os quais a compõem com suas singularidades. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) na população mundial existem cerca de 1 (um) bilhão de pessoas com algum tipo de deficiência (dificuldades auditivas, visuais, físicas ou intelectuais), para as quais nas últimas décadas se desenvolveu a obrigatoriedade de políticas públicas e legislação específica que abranja as suas reivindicações sociais e de direitos humanos, como acesso à educação, saúde, moradia, transporte e segurança. No Brasil as PCDs representam cerca de 23,90% da população, um significativo grupo social que possui necessidades específicas de acessibilidade e inclusão, bem como carece de maior visibilidade e reconhecimento das suas potencialidades (Souza, 2014).

O ativismo das PCDs tem buscado sua inclusão e visibilidade na mídia, baseado em estratégias de fortalecimento da singularidade e a valorização da diferença humana, mirando na importância do espaço midiático na circulação de conhecimentos e informações para a construção de pautas identitárias, além de ser um dispositivo de poder e influência social (Silva e Tasso, 2012). Dessa maneira, pode-se inferir a

relevância de representatividade da Mariana como PCD trabalhando dentro do campo das mídias sociais como influenciadora digital *body positive*, destaca-se que ela tem sido uma das poucas PCDs (talvez a única, pois não se encontrou outra até a finalização deste trabalho) no cenário brasileiro que consegue tal visibilidade, considerando 140 mil inscritos no *YouTube* e 35 mil seguidores no *Instagram*. Visibilidade esta que quando comparada às outras influenciadoras sem deficiência, Mariana se encontra com menos seguidores no *Instagram* das aqui citadas, nem está na listagem supracitada (Tabela 2).

Assim, pode ser que semelhante à situação da Preta-Rara no que tange a etnia e classe social, e Mariana no que diz respeito a uma pessoa com deficiência, esta também apresenta um recorte social específico com pouca representatividade, inclusive dentro do próprio movimento *Body Positive* no Brasil, o que pode revelar uma necessidade do movimento de se expandir ainda mais em relação à publicização das mais diversas possibilidades de corpos.

Mirian Bottan

Mirian Bottan é jornalista e influenciadora digital, possui cerca de 678 mil seguidores no *Instagram*. Bottan possui um histórico de vida relativo a transtornos alimentares e de autoimagem, anteriormente utilizava suas redes sociais para expor seus hábitos alimentares e rotina de atividades físicas, porém, após procurar ajuda profissional psicológica e superar muitas das suas dificuldades em saúde mental, tornou-se influenciadora digital *Body Positive* (Ignácio, 2018).



Figura 8. Postagem do perfil de *Instagram* da Mirian Bottan, 29/03/2018

Fonte: Recuperado <https://www.Instagram.com/p/Bg7GAiInRti>.

Legenda: *Na época da primeira foto eu tinha crises de compulsão alimentar (seguidas de vômito) de 2 a 3 vezes por mês, tomava laxante e diurético pra “desinchar” e bebia MUITO álcool em situações sociais porque mesmo “em forma” continuava insegura. Recuperei gordura porque abrir mão da restrição alimentar era a peça que faltava pra deixar pra trás os 16 anos de bulimia. Foi a última coisa que tentei e a primeira que funcionou e vale a pena todo santo dia. Continuo amando legumes, frutas e verduras, bebo muita água e me exercito regularmente. Só que hoje em dia raramente bebo álcool e já completei 1 ano e meio sem compulsões. Os exames estão até melhores, porque sem laxante e diurético meu corpo absorve melhor as vitaminas. Tanquinho não necessariamente significa saúde física. Principalmente quando é construído às custas da nossa saúde mental.*(sic).

Bottan a partir das suas vivências, alerta para o risco de distorções da autoimagem e transtornos alimentares provocado pela busca do ideal estético socialmente aceito. Também questiona a capacidade do padrão estético efetivamente ser reflexo de saúde: tanto na sobrecarga criada pelo uso de substâncias, pelas restrições

alimentares, pelos problemas que o excesso de exercício físico pode provocar à saúde física, quanto ao sofrimento psíquico causado pela dificuldade de encaixe no padrão estético por uma exigência inalcançável, que podem significar um grande prejuízo à saúde mental. Diversos estudos (Fernandes *et al.*, 2007; Ribeiro e Veiga, 2010; Laus, 2012) apontam para a relação entre tentativas de adaptação ao padrão estético e prejuízos à saúde física e mental, a insatisfação com o próprio corpo, principalmente entre as mulheres, pode contribuir para disfunções no comportamento alimentar, ou seja, o excesso de preocupação com a aparência e a necessidade de encaixe aos padrões estéticos são fatores que podem levar à distorção de imagem corporal, que é fator de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares. Tais pesquisas corroboram para clarificar que o caso de Miriam Bottan é representativo para grande parte da população que enfrenta essa dificuldade, assim na publicação selecionada ela faz uma crítica a essa associação equivocada entre saúde e o padrão de beleza vigente, a qual entende como doença o que é desviante da norma estética, porém desconsidera outros elementos significativos como exames médicos.

A partir do discurso de Bottan, também é possível discutir o quanto as mulheres sofrem pressão estética para cumprir rigidamente os pré-requisitos de ideal de beleza, sendo um dos aspectos importantes da dominação de gênero a objetificação dos corpos femininos (Rangel, 2017; Laus, 2012) e a associação entre magreza e fragilidade/docilidade, enquanto elementos simbólicos representativos do espaço sociopolítico do feminino (Goldenberg, 2005), tornando a feiúra uma forma de exclusão social feminina (Goetz *et al.*, 2008). Isto é evidenciado quando Mirian se encontra com um corpo menos padronizado, mas ainda magro, e apresenta como condição mais saudável uma imagem com maior gordura na região abdominal. Tal discussão é enfatizada pela afirmação de que “*tanquinho não necessariamente significa saúde*

física”¹¹, que se contrapõe ao discurso da mídia dominante, em qual a gordura abdominal é profundamente criticada em discursos sobre o corpo e apontada como mal a ser combatido, seja por meio de dieta e exercícios, seja por meio de cirurgias e tratamentos estéticos (Goetz *et al*, 2008; Goldenberg 2005). Assim, talvez o discurso recorrente e excessivo das dietas a serem seguidas e da frequência exaustivamente à academia esportiva, seja a ideia atualizada dos antigos espartilhos¹², que apertam, sufocam, mas o menor diâmetro da cintura é o que se procura como socialmente aceito.

Além da pressão estética imposta de maneira mais intensa aos corpos femininos (Wolf, 1992; Goldenberg 2005; Rangel 2007; Laus, 2012), nas atuais preocupações do que é ou não saudável impera socialmente a ideia de que vivendo uma cansativa rotina de dietas alimentares e atividades físicas é possível ter além do corpo idealizado, a saúde necessária para trabalhar e produzir (Goetz *et al*, 2008). Assim, na relação entre a pressão provocada pelo discurso dominante sobre a estética corporal e as preocupações com uma saúde perfeita, observa-se o que Foucault (1988) denomina estrutura de biopoder: a preponderância dos discursos sobre o normal e o patológico, sobre as normas sociais e a conduta, a estética e o processo dos corpos, coíbem o que fica à margem do considerado normal. É no questionamento de tais discursos que se torna possível para Bottan, e tantas outras mulheres, considerar que a busca por uma barriga “*tanquinho*” não se articula com saúde, física e psíquica, bem como se desviar desta regra de beleza ideal é possível construir novos parâmetros de saúde e novos modos de lidar com o corpo. Nesse sentido, recuperar o corpo como horizonte da experiência própria para além dos discursos heterônomos da mídia é citado pela autora como

¹¹ Barriga “*tanquinho*” é um termo popular para denominar um abdômen com pouca gordura e músculos definidos.

¹² Espartilho é uma peça íntima do vestuário feminino que dispõe de barbatanas metálicas e amarração nas costas, objetiva a redução do diâmetro da cintura e a manutenção do tronco ereto, considerado de uso comum até o início do século XX. Porém, quando apertado excessivamente causava às mulheres problemas para respirar, de digestão e enfraquecimento da musculatura vertebral.

elemento fundamental da desconstrução da imagem corporal dominante: é a partir de suas próprias experiências de crise bulímica, de seus próprios exames corporais, de seus próprios sentimentos de segurança e insegurança que outra referência corporal se torna possível.

Luiza Junqueira

A influenciadora digital Luiza Junqueira possui 215 mil seguidores no *Instagram*, também é profissional de Rádio e TV, diretora e produtora dos curtas-metragem “Gorda” e “Espelho Torcido”. No final de 2017 Junqueira foi responsável pela campanha “Tour pelo meu corpo” que levou várias influenciadoras digitais a gravarem vídeos mostrando como realmente são seus corpos, sem maquiagem, sem filtros de imagem e ângulos que evidencie mais proximidade ao padrão estético vigente, promovendo a aceitação dos próprios corpos. Um aspecto que foi evidenciado nesta campanha é que as influenciadoras mais próximas do padrão estético obtiveram mais visualizações em seus vídeos do que as influenciadoras consideradas mais à margem do padrão (UOL, 2018).



Figura 9. Postagem do perfil de *Instagram* da Luiza Junqueira, 22/07/2018

Fonte: Recuperado <https://www.instagram.com/p/BliZRnknACv>.

Legenda: Com muita frequência as pessoas pressupõem que por eu ser gorda, eu quero emagrecer: me passam dietas não solicitadas; me parabenizam caso eu tenha perdido algum peso; me oferecem a opção zero quando eu peço um guaraná... Entendo que na cabeça de muita gente não entra o fato de que eu estou bem com meu peso e não tenho vontade de emagrecer deliberadamente. Até porque as pessoas dizem estar preocupadas mesmo com a minha saúde. Será mesmo? No vídeo de hoje expliquei os motivos pelos quais eu não quero emagrecer e falei frases que já ouvi ao longo da minha vida de pessoas aleatórias (e até desconhecidas) a respeito do meu corpo. Tá polêmico.(sic).

Discurso do vídeo: Padrão de beleza versus saúde, estas coisas tem a ver? Estas coisas tem ligação? "Você tem o rosto tão bonito, eu acho que se você desse uma emagrecidinha, uma secada, você iria ficar maravilhosa", "você já tentou a dieta dos pontos?", "você já deu uma checada para ver se não é da tireóide?". Com muita frequência as pessoas me questionam o porquê eu não quero emagrecer ou questionam a minha saúde. Falam que eu faço apologia à obesidade, que se preocupam com meus exames, com o meu triglicérides e com meu colesterol. Coisas que as pessoas não se preocupam com ninguém, mas porque é uma pessoa gorda falando que não quer mais fazer dieta, então o povo fica muito preocupado com o seu triglicérides, com seu colesterol. "É que para mim, não é problema ser gorda, eu não ligo, acho linda, o problema é a saúde, é o que me preocupa mesmo", como a gente vai saber a saúde de uma pessoa só de olhar para ela? (sic).

Ao questionar como se avalia o estado de saúde de alguém só pelo olhar, Junqueira faz uma provocação a respeito da gordofobia incutida em comentários de preocupação com a saúde de uma pessoa gorda, sendo que pode ser uma forma velada

de preconceito, até porque não existe critério sanitário formado a partir de valores estéticos. Vale elucidar o que Gadamer (2006) discute a respeito da ciência médica moderna não exigir apenas que seus métodos e procedimentos tenham a preferência na análise e tratamento dos corpos, mas sejam os únicos a serem legitimados ao padronizar o que é saudável e o que é patológico, assim denotando considerável poder sobre os corpos.

Entre os atuais conceitos da medicina, existe o da obesidade definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS)¹³ como um acúmulo de gordura corporal, calculado pelo Índice de Massa Corporal (IMC) uma razão simples entre o peso (em quilogramas) e o quadrado da altura (em metros), sendo um principal fator de definição da obesidade, mas com o qual deve ser avaliado outros aspectos metabólicos, como pressão arterial, índice glicêmico e tipos/graus de colesterol, etc., os quais são examinados/aferidos individualmente e não podem ser avaliados visivelmente, pois tanto pessoas gordas quanto magras podem apresentar disfunções metabólicas. Recentemente foi publicada uma pesquisa que tenta esclarecer a complexidade deste fenômeno, o instituto *Clinical Obesity* (Kuk et. al., 2018) desenvolveu um estudo com a participação de 54 mil pessoas, o qual sugere que pacientes obesos que não apresentam hipertensão, diabetes, colesterol alto e outras doenças metabólicas não estão com risco aumentado de morrer quando comparados aos pacientes não obesos.

Assim, o discurso médico é decisivo no entendimento das pessoas em relação à obesidade, mas deve ser considerado em sua amplitude e na atualização dos estudos, e não reduzido aos aspectos da aparência estética. Nisto, os questionamentos de Luiza trazem à reflexão: tais preocupações com as pessoas gordas seriam cuidado com a saúde delas ou podem corresponder ao incômodo (gordofobia) que corpos desviantes do

¹³ Definição de obesidade segundo a OMS, recuperada de <https://www.who.int/topics/obesity/en>.

padrão provocam? Guedes e Pereira (2017) compreendem que os estigmas sociais relacionados ao corpo gordo, como associação à indisciplina e à infelicidade, tem por consequência a percepção de que o corpo gordo não deve ser natural, bem como precisa ser modificado mesmo com real prejuízo à saúde física e mental (Fernandes *et al.*, 2007; Ribeiro e Veiga, 2010; Laus, 2012). Para tanto, Fischler (2005) afirma que os corpos que provocam mal-estar social não são necessariamente doentes, mas se configuram a margem das convenções socialmente estabelecidas, logo, causam estranheza por se tratarem de corpos transgressores.

Daiana Garbin

Daiana Garbin é jornalista e influenciadora digital, possui cerca de 242 mil seguidores no *Instagram*. Garbin relata ter sofrido com transtornos alimentares e de auto-imagem por cerca de vinte anos, deixou sua carreira de jornalista de televisão para trabalhar a partir das redes sociais se dedicando a questionar os padrões estéticos vigentes. Em outubro de 2017 Garbin lançou o livro “Fazendo as pazes com o corpo: uma jornada para vencer a relação doentia com a comida e a obsessão pela forma perfeita”, que conta seu processo de autoaceitação e melhora da saúde mental, já está na terceira edição e esteve duas vezes na lista dos mais vendidos do Brasil (Revista Extra, 2018).



Figura 10. Postagem do perfil de *Instagram* da Daiana Garbin, 23/03/2018

Fonte: Recuperado <https://www.Instagram.com/p/Bgq3xHkAHL4>.

Legenda: *Selena Gomez. Demi Lovato. Rihanna. Poderia citar inúmeras coisas que as três tem em comum: cantoras, compositoras, dançarinas, empresárias, donas de seus próprios impérios. Todas já ganharam inúmeros prêmios e são inspiração para multidões de meninas e mulheres de todas as idades. Sabe outra coisa que as três tem em comum? São todas vítimas de body shaming (o ato de envergonhar ou reprovar o corpo de alguém por sua forma física). Todas alvos de comentários como "deve tá grávida", "como tá gorda" e, em casos mais sérios, "preferia quando ela estava magra e doente". A cultura da dieta não é sobre saúde. Se assim fosse, todos comemorariam a melhora de Selena, que sofre de Lupus, depois de um transplante de rim. Ficaríamos felizes pelos 6 anos de sobriedade de Demi e por ter superado anos de bulimia e anorexia. Bateríamos palmas para a liberdade e felicidade evidentes no rosto de Rihanna. Não comentaríamos sobre as mudanças de seus corpos, porque não é um problema nosso, porque não é relevante, porque não as altera como pessoas e profissionais. Focaríamos no sucesso de cada uma, no talento de cada uma. Deixaríamos o trabalho delas falar por elas, ao invés das curvas de seus corpos. Enquanto nós MULHERES continuarmos criticando e apontando as alterações dos*

corpos umas das outras, continuaremos perpetuando a nossa PRÓPRIA escravidão. Continuaremos reféns de padrões estéticos inatingíveis, que só nos trazem sentimentos de inadequação e fracasso. Continuaremos nos sentindo obrigadas a pausar nossos sonhos e planos para alcançá-los apenas quando o corpo estiver "bom" pra elas. Me escuta moça, não dá pra acabar com seu próprio sofrimento, enquanto você mesma faz outras mulheres sofrerem.(sic).

A partir desta publicação Garbin crítica à indústria estética e ao modo como cria padrões irrealizáveis de beleza feminina, fora do alcance humano, mesmo para as mulheres que estão próximas do normativo com notória e significativa influência pública, como é o caso das artistas internacionais Selena, Lovato e Rihanna. Nota-se também, a defesa da desconstrução da relação entre saúde e estética a partir das recuperações na saúde que geraram alterações estéticas, as quais desagradam parte do público das artistas, denotando que a preocupação com a saúde pode ser apenas um argumento falacioso para disfarçar a repulsa que até o corpo, minimamente desviante, pode causar (Fischler, 2005).

Outro aspecto é a discussão acerca da relação entre padrão estético e dominação de gênero, a partir da reprodução da opressão de gênero das próprias mulheres, aqui é importante retomar a Wolf (1992) e a Goldenberg (2005) quando apontam que a busca pelo ideal de beleza feminino possui relevante função de coerção social das mulheres na contemporaneidade, o que nelas incute ódio sobre si mesmas e entre elas. Por fim, Daiana chama as mulheres ao entendimento de que todas sofrem com pressão estética, por isso é necessário compreender o próprio sofrimento para não reproduzi-lo em relação às demais, assim, trata-se de um cuidado consigo e com a coletividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível observar nos discursos e narrativas das influenciadoras digitais *Body Positive* algumas categorias: a discussão da importância da sustentação do próprio corpo, entendendo-o como fundamental na existência, aceitando-o em suas características próprias e humanas, a partir da dialética da desconstrução de padrões estéticos impostos a si mesmas e às outras pessoas; a percepção de que é necessário maior representatividade dos corpos em seus recortes sociais de gênero, etnia, pessoas com deficiência, entre outros, inclusive dentro do próprio movimento *Body Positive*; a crítica aos riscos do adoecimento causado pela busca incessante do ideal de beleza, bem como a patologização dos corpos que se encontram à margem; o entendimento de que os modelos estéticos contemporâneos são irrealistas, inalcançáveis e pressionam até mesmo os indivíduos mais padronizados.

A partir destes aspectos, destaca-se a relevância da publicização das experiências e sentidos dos corpos de pessoas consideradas desviantes às normas estéticas, ocupando espaços na vida pública ao participarem da mídia em situações de destaque, no exercício de suas profissões, no acesso a locais de lazer e entretenimento, na moda, etc., para representarem e colaborarem com a inclusão da diversidade corporal humana, usufruindo da condição primária de existir em liberdade.

Deste modo, tais contextos e situações sobre as quais há influência do padrão estético e que se expressam nos questionamentos das personagens estudadas, a partir de suas próprias experiências, possibilita-se o resgate do que Merleau-Ponty denomina corpo próprio: o corpo imediatamente sentido como locus da experiência em devir no aqui e agora, o corpo como o meio pelo qual acessamos o mundo, um corpo que é vivido e refletido, no qual percebemos o mundo e dele somos percebidos, bem como nos percebemos, é possível compreender que o corpo é perpassado por aspectos

históricos, sociais, filosóficos, científicos, identitários, dentre outros. Aspectos estes que influenciam nosso olhar, por exemplo, como nos olhamos no espelho, como ao nos olhamos no espelho vemos os outros nos olhando, e como olhamos os outros se vendo no espelho.

Neste sentido, os discursos e narrativas das influenciadoras digitais *Body Positive* analisadas, contribuem para a percepção do corpo como fundante à vida humana, destacam a importância da inclusão da diversidade corpórea na vida pública como ação política fundamental à condição humana, promovendo às várias formas, tamanhos, cores e texturas de corpos a mais autêntica liberdade de existir como se é.

Por fim, demarcar-se que ainda existem poucas pesquisas sobre o recente fenômeno das redes sociais digitais, suas proporções nas relações humanas, seus impactos políticos, entre outros, bem como no entrelace com os modelos estéticos contemporâneos. Neste complexo horizonte hermenêutico, o presente trabalho possui um teor inicial e evidencia a necessidade/relevância de mais estudos acerca das discussões aqui abordadas, inclusive com maiores recursos e robustez metodológica. Assim, não se pretende um fechamento de tais discussões, mas ao contrário se intenta a geração de outros estudos que possam ampliá-las.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aires, A. B.; Hoff, T. M. C. (2015). *Victoria's Secret e Lane Bryant: produção de sentidos dos corpos magro e obeso no discurso publicitário*. Recuperado em 07 de novembro, 2018, de <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/27206>.
- ANER (2014). Associação Nacional dos Editores de Revistas. *Publicidade*. Recuperado em 10 abril, 2018, de <http://www.aner.org.br/dados-de-mercado/publicidade>.
- Arendt, H. (2007). *A condição humana* (Roberto Raposo, Trad.). 10ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicado em 1958).
- Arendt, H. (2012). *Origens do totalitarismo* (Roberto Raposo, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1949).
- Baldini, M. (2006). *A Invenção da Moda: as teorias, os estilistas, a história*. Lisboa: Edições 70.
- Bard, N. L. S. (2013). *A moda como representação de identidade em consumidoras plus-size* (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado em 12 setembro, 2018, de <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/88875>.
- Braga, T. B. M. (2014) *Psicologia e Fenomenologia: uma possível articulação*. Em Braga, T. B. M. *Atenção Psicológica e Cenários Sociais*. Curitiba: Juruá.
- Brandini, V. (2007). Bela de morrer, chic de doer, do corpo fabricado pela moda: o corpo como comunicação, cultura e consumo na moderna urbe. *Revista Contemporânea*, vol. 5; 1,2. Salvador.
- Brondani, M. F. (2017). *O uso de youtubers negros como influenciadores da opinião pública no mercado da beleza* (Trabalho de Conclusão de Curso). Curso de

Relações Públicas da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado em 10 novembro, 2018, de <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/178540>.

Cardoso, C. C. (2016). *Influência das redes sociais da digital influencer Paula Feijó no comportamento de seus seguidores* (Trabalho de conclusão de curso). Departamento de Ciências Administrativas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado em 18 março, 2018, de <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/148529>.

Carneti, K. (2016). 10 perfis fitness para seguir no Instagram. *Revista Exame*. Recuperado em 20 de fevereiro, 2018, de <https://exame.abril.com.br/tecnologia/10-perfis-fitness-para-seguir-no-instagram>.

Ceccarelli, P. R. (2011). *Uma breve história do corpo*. In *Corpo, Alteridade e Sintoma: diversidade e compreensão*, Lange & Tardivo (org.). São Paulo: Vetor.

Critelli, D. M. (2007). *Análise do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense.

Dias, C.; Couto, O. F. (2011). As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 11, 3, pp. 631-648. Tubarão.

Extra (2018). *Revista Extra*. Daiana Garbin fala de transtorno alimentar: "sonhava ver meus ossos aparecendo". Recuperado em 08 agosto, 2018, de <https://extra.globo.com/famosos/daiana-garbin-fala-de-transtorno-alimentar-sonhava-ver-meus-ossos-aparecendo-22689234.html>.

- Fernandes, C. A. M.; Rodrigues, A. P. C.; Nozaki, V. T.; Marcon, S. S. (2007). *Fatores de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares: um estudo universitários de uma instituição de ensino particular*. Recuperado em 01 de novembro, 2018, de <http://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/viewFile/985/857>.
- Ferreira, F. R. (2006). *Os sentidos do corpo: cirurgias estéticas, discurso médico e Saúde Pública*. Tese de doutorado apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP. Rio de Janeiro.
- Fischler, C. (2005). Obeso benigno, obeso maligno. Em Sant'anna, D. B. (Org.) *Políticas do corpo* (Mariluce Moura, Trad.). 2ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade.
- Fisher, R. M. B. (2001). Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre os modos de enunciar a o feminino na TV. *Revista Estudos Femininos*, vol. 9, 2. pp. 586-599. Florianópolis.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber* (M. Albuquerque & J. A. Gilhon de Albuquerque, Trans.). Rio de Janeiro: Graal. (Original publicado em 1976).
- Gadamer, H-G. (1999). *Verdade e Método* (Flávio Paulo Meurer, Trad.). 3 ed. Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1986).
- Gadamer, H-G. (2006). *O caráter oculto da saúde* (Antônio Luz Costa, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1993).
- Garrini, S. P. F. (2007). Do Corpo Desmedido ao Corpo Ultramedido: reflexões sobre o Corpo Feminino e suas Significações na Mídia Impressa. *Anais do V Congresso Nacional de História da Mídia da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado em 11

- julho, 2018, de
<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0037-1.pdf>
- Globo.com. (2017). *Portal Globo.com*. 10 perfis body positive que você precisa seguir no Instagram. Recuperado em 20 de fevereiro, 2018, de <https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/noticia/2017/08/10-perfis-body-positive-que-voce-precisa-seguir-no-instagram.html>.
- Globo News (2018). *Jovem estilista faz sucesso na internet com roupas plus size*. Recuperado em 12 setembro, 2018, de <http://g1.globo.com/globo-news/estudio-i/videos/v/jovem-estilista-faz-sucesso-na-internet-com-roupas-plus-size/6726703>.
- Goetz, E. R.; Camargo, B. V.; Bertoldo, R. B.; Justo, A. M. (2008). *Representação social do corpo na mídia impressa*. Recuperado em 15 de outubro, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n2/a10v20n2>.
- Goffman, E. (2004). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (Mathias Lambert, Trad.). São Paulo: LTC. (Original publicado em 1891).
- Goldenberg, M. (2005). Dominação masculina e saúde: usos do corpo em jovens das camadas médias urbanas. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, vol.10, 1. pp. 91-96. Rio de Janeiro.
- Guedes, A. e Pereira, T. M. A. (2017). Discurso e resistência nas capas de revista: novos olhares sobre o corpo gordo feminino. *Anais do IV Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais*, Campina Grande, PB, Brasil. Recuperado em 12 setembro, 2018, de <https://www.editorarealize.com.br/revistas/sinalge/resumo.php?idtrabalho=60>.
- Gurgel, A. (2018). *Pare de se odiar: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário*. Rio de Janeiro: BestSeller.

- Heidegger, M. (2005). *Ser e Tempo: parte I* (15a ed.). (M. S. C. Schuback, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1927).
- Henry, M. (2012). *Filosofia e Fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana*. São Paulo: É Realizações.
- Hopper HQ (2017). *Instagram Rich List 2018*. Recuperado em 30 julho, 2018, de <https://www.hopperhq.com/blog/instagram-rich-list>.
- Ignácio, A. (2018). Mirian Bottan, a jovem que venceu a bulimia e se tornou a referência que sempre buscou. *Revista Huffpost Brasil*. Recuperado em 12 setembro, 2018, de https://www.huffpostbrasil.com/2018/03/09/mirian-bottan-a-jovem-que-venceu-a-bulimia-e-se-tornou-a-referencia-que-sempre-buscou_a_23382050.
- Kuk, J. L., Rotondi, M., Sui, X., Blair, S. N., Ardern, C. I. (2018). Individuals with obesity but no other metabolic risk factors are not at significantly elevated all-cause mortality risk in men and women. *Revista Clinical Obesity*, vol. 8, 5. pp. 305-312. Recuperado em 10 outubro, 2018, de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/cob.12263>
- Laus, M. F. (2012). *Influência do padrão de beleza veiculado pela mídia na satisfação corporal e escolha alimentar dos adultos*. Tese de doutorado apresentado ao Departamento de Psicologia da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto.
- Longo, I. (2018). Gordofobia Não É Piada: a resposta de uma youtuber aos ataques preconceituosos de Gentili. *Revista Fórum*. Recuperado em 12 setembro, 2018, de <https://www.revistaforum.com.br/gordofobianoepiada-resposta-de-uma-youtuber-aos-ataques-preconceituosos-de-gentili>.
- Luz, C. (2017). *Uma preta rara: como a rapper e ativista transforma suas rimas e depoimentos em ferramentas para trazer visibilidade à mulher negra*.

Recuperado em 10 de novembro, 2018, de <https://www.ovalordofeminino.com.br/artigo/uma-preta-rara>.

Medina, J.; Ruiz, M.; Almeida, D. B. L.; Yamaguchi, A.; Maschi Jr, W. (2008). *As Representações da Dança: uma Análise Sociológica*. Recuperado em 01 de novembro, 2018, de <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2106/3352>.

Merleau-Ponty, M. (1999). *A Fenomenologia da Percepção* (Carlos Alberto Ribeiro de Moura, Trad.). 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1945).

Moraes, J. (2017). 6 blogueiras fitness para seguir no Instragram. *Portal UOL*. Recuperado em 20 de fevereiro, 2018, de <https://vilamulher.uol.com.br/bem-estar/fitness/6-blogueiras-fitness-para-seguir-no-instagram-680063.html>.

Moscovici, S. (2007). *Representações Sociais: investigações em Psicologia Social* (Pedrinho A. Guareschi, Trad.). 5ª ed. Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 2000).

Noronha, A. e Deufel, C. (2014). Reflexões teóricas sobre a gordofobia na mídia: o corpo na contemporaneidade. *Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Educação*, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil. Recuperado em 12 setembro, 2018, de <http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sepedu/article/view/12076>.

OMS (2018). *Organização Mundial da Saúde*. Obesidade. Recuperado em 22 setembro, 2018, de <https://www.who.int/topics/obesity/en>.

Pontes, F. (2017). Gabriela Pugliesi é investigada pelo Conselho Regional de Educação Física do Rio. *Jornal O Globo*. Recuperado em 12 setembro, 2018, de <https://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/gabriela-pugliesi-sera-investigada-pelo-conselho-regional-de-educacao-fisica-do-rio.html>.

- Portal iG. (2017). *Coluna iG Delas*. 10 perfis no Instagram que comprovam que seu corpo não precisa seguir um padrão. Recuperado em 20 de fevereiro, 2018, <https://delas.ig.com.br/comportamento/2017-06-26/corpo-mulheres-padrao.html>.
- Porto-Gonçalves, C.W. (2001). *Amazônia, Amazônias*. São Paulo: Contexto.
- Prado Filho, K.; Trisotto, S. (2008). O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política. *Revista Psicologia em Estudo*, vol. 13, 1. pp. 115-121. Maringá.
- Rangel, N. F. A. (2017). A emergência do ativismo gordo no Brasil. *Anais do 13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11º*, Florianópolis, SC, Brasil. Recuperado em 12 setembro, 2018, de http://www.en.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499466334_ARQUIVO_AemergenciadoMovimentoGordonoBrasilNataliaRangel.pdf.
- Ribeiro, L. G.; Veiga, G. V. (2010). *Imagem corporal e comportamentos de risco para transtornos alimentares em bailarinos profissionais*. Recuperado em 01 de novembro, 2018, em <https://submission3.scielo.br/index.php/rbme/article/view/14198>.
- Rosa, H. (2018). *Estereótipos e Engajamento: as relações entre a representatividade e interações do usuário no Facebook*. Recuperado em 01 de novembro, 2018, em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1422-1.pdf>.
- RSPH (2017). *Royal Society for Public Health*. Instagram ranked worst for young people's mental health. Recuperado em 12 setembro, 2018, de <https://www.rsph.org.uk/about-us/news/instagram-ranked-worst-for-young-people-s-mental-health.html>.
- Sá, M. (2017). Bailarina plus size de Anitta, Thais Carla pesa 140 kg e já posou nua com o marido: "sou plena". *Revista Extra*. Recuperado em 12 setembro, 2018, de

<https://extra.globo.com/famosos/bailarina-plus-size-de-anitta-thais-carla-pesa-140-kg-ja-posou-nua-com-marido-sou-plena-21440624.html>.

Sampaio, F. A. (2017). *Godofobia: as vozes da opressão no gênero piada* (Trabalho de Conclusão de Curso). Curso de Licenciatura Plena em Letras do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, PB, Brasil. Recuperado em 10 outubro, 2018, de <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/15896>.

Serra, G. M. A. e Santos, E. M. (2003). Saúde e mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 8, 3. pp. 691-701. Rio de Janeiro.

Silva, E. D.; Tasso, I. (2012). *Mídia e estratégias de governabilidade do corpo deficiente: políticas públicas afirmativas e identidade em tela*. Recuperado em 12 novembro, 2018, de <http://books.scielo.org/id/hzj5q/pdf/tasso-9788576285830-05.pdf>.

Siqueira, D. C. O.; Faria, A. A. (2007). Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, vol. 4, 9. pp. 171-188. São Paulo.

Sontag, S. (2003). *Diante da dor dos outros* (Rubens Figueiredo, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Souza, D. P. (2014). *Políticas públicas e a visibilidade da pessoa com deficiência: estudo de caso do projeto curupira*. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas. Manaus.

The Body Positive (2018). *Missão e Valores*. Recuperado em 24 abril, 2018, de <https://www.thebodypositive.org>.

- UOL (2018). *Portal de Notícias UOL*. Tour pelo corpo: youtuber gorda tem muito mais rejeição que magra. Recuperado em 12 setembro, 2018, de <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2018/01/06/tour-pelo-corpo-youtuber-gorda-tem-muito-mais-rejeicao-que-magra.htm>.
- Vanini, E. (2018). Youtuber Alexandra Gurgel conta em livro o tortuoso caminho até a aceitação do próprio corpo. *Jornal O Globo*. Recuperado em 22 outubro, 2018, de <https://oglobo.globo.com/ela/youtuber-alexandra-gurgel-Conta-em-livro-tortuoso-caminho-ate-aceitacao-do-proprio-corpo-23124055>.
- Wolf, N. (1992). *O mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres* (Waldéa Barcelos, Trad.). Rio de Janeiro: Rocco. (Original publicado em 1991).
- Woolf, V. (2012). *Profissões para mulheres e outros artigos feministas* (Denise Bottmann, Trad.). Porto Alegre: L&PM. (Original publicado postumamente em 1942).